

130				
			200	

# Saúde indígena tem dinheiro

Um valor superior a R\$ 498 mil. Esse é o montante dos recursos que estarão disponíveis à Fundação Nacional de Saúde (FNS) para resolver os problemas de atendimento de saúde aos índios do Estado. A verba prevê prioridades como vacinação, compra de medicamentos e a implantação de pólos multidisciplinares de saúde nas maiores aldeias do Pará.

O anúncio foi feito pelo coordenador regional da FNS Manoel da Luz, ao contestar as denúncias de negligência por parte da Fundação no atendimento médico aos índios. Há dois meses a Fundação assumiu a responsabilidade no setor de saúde indígena. De lá para cá, o relacionamento com os índios ainda não engrenou e as reclamações têm sido uma constante, tanto que o cacique Sérgio Mutti, da tribo Tembê, reuniu alguns índios nos últimos dias para protestar contra o que eles chamam de "incompetência" da FNS.

"Nós reunimos com os índios para ouvir as reclamações", diz o coordenador. Segundo ele, o que está havendo não é uma reclamação de falta de medicamentos ou atendimento, e sim a insatisfação com a pessoa que foi designada para ser o funcionário da Fundação junto aos índios, desde que a Funai foi afastada dessa atribuição. "Nós estamos querendo um interlocutor, já que não temos um antropólogo", admite Manoel da Luz.

Enquanto esse interlocutor não surge, a FNS está elaborando convênios com a prefeitura para fixar pólos de saúde nas aldeias. A idéia é ambiciosa, mas a FNS acredita que até o final do ano esses pólos possam ser implantados. Nesse projeto, a Fundação pretende colocar agentes de saúde nas aldeias pequenas, com menos de 200 índios. Nos pólos bases, os municípios com mais estrutura, serão criadas equipes multidisciplinares, com médico, enfermeiro, três auxiliares de enfermagem, um odontólogo e um agen-



*Tembés acusam a FNS de incompetência para assumir a saúde indígena, mas a instituição garante que tem recursos e capacidade*

te indígena. Em todo o Estado serão criados 19 pólos bases. "Estamos ultimando convênios com as prefeituras", diz o coordenador, assessorado pela médica Heloísa Nunes, chefe do Distrito Sanitário do Guamá-Tocantins, cuja base central é em Belém, e pela enfermeira Lúcia Celeste Vasconcelos.

Com isso, a Fundação Nacional de Saúde pretende evitar os deslocamentos desnecessários até Belém. Somente nos últimos dois meses, segundo Luz, foram

gastos R\$ 33 mil só em deslocamentos de índios até Belém.

Até agora, só o município de Redenção já assinou o convênio. A FNS recebeu propostas de Altamira e Jacareacanga. "Depende mais das prefeituras agora", diz o coordenador. São as prefeituras que irão contratar e alocar os profissionais, embora todas os gastos e investimentos sejam de responsabilidade da FNS. Os recursos já foram liberados.

O problema é que, das 39 al-

deias assistidas pela FNS agora, apenas duas têm estrutura repassada pela Funai. "Nós sabemos que o modelo anterior falhou. Estamos tentando reorganizá-lo", afirma Luz.

Em relação às três mortes de índios, o coordenador refuta a responsabilidade da FNS. Segundo ele, não foram mortes causadas por negligência da Fundação. "Uma foi de uma criança que nasceu com hidrocefalia. Outra foi de uma índia, que tinha sintomas de catapora, mas

acabou morrendo de causa desconhecida na Beneficente Portuguesa. Nenhum foi por malária".

Esta, contudo, ainda é a doença mais comum entre os índios, seguida pela diarreia e pelas doenças infecciosas respiratórias.

O impasse entre os índios e a FNS pode ser resolvido amanhã, às 10h quando acontecerá uma nova reunião na sede da Fundação. Até lá, Sérgio Mutti diz que manterá a pintura no rosto em sinal de protesto.